

## A Bioarte de Isa Duarte Ribeiro



**Casa da Cultura, Mora, 21 a 27 Setembro 2019**

As belas peças que Isa Duarte Ribeiro apresenta na exposição *(Per)cursos*, inscrevem-se nas margens desse grande e diversificado conjunto de trabalhos a que se usa chamar Bioarte (BioArt). Digo nas margens porque, nos lugares centrais, situam-se trabalhos que se caracterizam por manipular materiais biológicos vivos (micro e macro organismos) com objectivos artísticos e recurso a práticas disponibilizadas pelas biotecnologias e engenharia genética (BiotechArt). Práticas que podem ir

da intervenção no desenvolvimento natural de células, tecidos e pequenos organismos vivos (Vivoart), à exploração diversíssima (incluindo a auto-experimentação) das potencialidades dos corpos humanos vivos (BodyArt), e até exercícios de reprodução selectiva, transplantação, hibridação, clonagem, ou mesmo criação de novas formas de vida (TransArte).

Como sempre acontece, as fronteiras entre esses vários tipos de áreas artísticas são porosas (o mesmo se verifica com as disciplinas científicas). Mas há, por assim dizer, um consenso sobre três afinidades fundamentais. Elas têm como forma de expressão artística a alteração, a transformação, a recriação de organismos vivos. Elas implicam o deslocamento dos artistas para laboratórios científicos onde se entregam à aprendizagem das técnicas, dos procedimentos regulados, das operações necessárias ao uso dos instrumentos altamente sofisticados com os quais as biotecnologias hoje desenvolvem os seus protocolos experimentais.

Eduardo Kac – porventura o mais célebre e canónico artista da Bioarte – defende que o que define a Bioarte é produzir novas entidades vivas, nunca antes existentes. Não entidades imaginárias como as divindades das mitologias, não figuras idealizadas como as que povoam as obras de arte pictórica ocidental, não personagens ficcionadas como as que habitam a literatura e o cinema, mas entidades biológicas vivas, efectiva e actualmente vivas. A célebre coelha verde, que Kac produziu num laboratório de investigação agrónomica em França e cujo nascimento anunciou ao Mundo no dia 14 de Maio de 2000, aí está para ilustrar de modo extremo esse objectivo. Os exemplos nem sempre serão tão eloquentes. Mas, os lugares centrais da Bioarte são invariavelmente ocupados por borboletas com asas modificadas, embriões de peixes mutantes, petúnias transgénicas, inúmeros tipos de novas formas de vida produzidas a partir da manipulação de micro-organismos, tecidos, células, macromoléculas como o DNA, etc.

Trata-se, no fundo, de cumprir (de forma expedita, arrojada e, de alguma forma, desapiedada) a única possibilidade que o homem detém de imitar o gesto divino da criação, dando origem, não apenas a uma entidade nova – a obra de arte (é isso que a arte sempre fez e sempre faz), mas a uma nova entidade viva – uma obra de arte que é viva.

Ora, os trabalhos de Isa Ribeiro não alteram a vida. Em boa verdade, nem com ela trabalham. Ocupam-se, isso sim, de seres que já foram vivos, mas que já o não são: carcaças de borboletas, bichos da seda, abelhas, gafanhotos e outros insectos como as citónias. Outras vezes, materiais de origem biológica, fragmentos de entidades vivas, como vagens e cabelos, ou materiais por elas produzidos, como casulos, favos de mel, fios de seda, cera pura de abelha. Outras vezes ainda, simplesmente mimetizam componentes do *habitat* de alguns seres vivos, como no caso da teia de aranha que Isa Ribeiro elabora, de forma engenhosa e delicada, com cabelos e fios de lã entretecidos numa trama complexa onde se esconde uma peça de joalheria representando uma pequena aranha em metal.

Porquê então dizer que os trabalhos que Isa Ribeiro apresenta nesta exposição podem inscrever-se no grande grupo da Bioarte?

Porque, como invariavelmente acontece com os trabalhos de Bioarte – é isso que, porventura, mais os caracteriza – eles estão construídos com base numa atenta sensibilidade ao mundo vivo. É certo que a utilização eufórica que a Bioarte tem feito das possibilidades transformadoras da vida oferecidas pelas biotecnologias e engenharia genética, tem dado origem a uma manipulação temerária, impiedosa e muitas vezes cruel dos seres vivos naturais. Assim se explica que, ao contrário das biotecnologias cujos desenvolvimentos se apresentam sempre como úteis (e assim são invariavelmente vistos pelo público), os trabalhos da Bioarte sejam ressentidos, não apenas como inúteis, bizarros, extravagantes, insólitos, resultantes de uma mera procura de originalidade, mas como uma forma de consciência ambiental, ética e política, isto é, uma resposta, mais ou menos ingénua, mais ou menos crítica, face aos efeitos (e perigos) para a vida do desenvolvimento galopante das biotecnologias e das suas desconhecidas potencialidades desnaturalizadoras.

Mas também é verdade que, em paralelo – esta seria a terceira determinação que os caracteriza – todos os trabalhos de Bioarte são percorridos por um gesto (curioso e generoso) de interesse pelos mistérios da vida. É por isso que, embora longinquamente, os trabalhos de Isa Ribeiro se podem inscrever nessa categoria disforme e prolixa que é hoje a Bioarte.

**Olga Pombo**